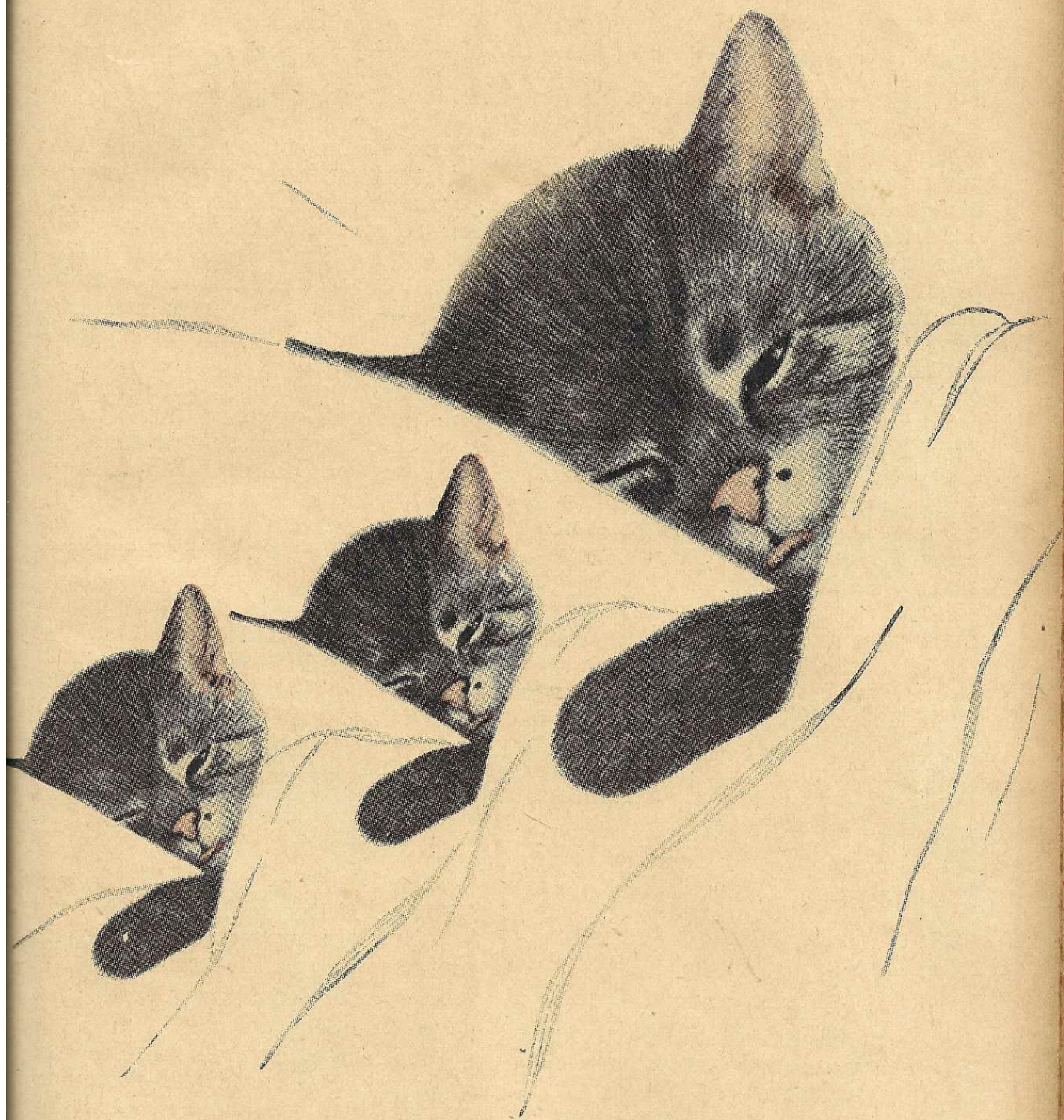


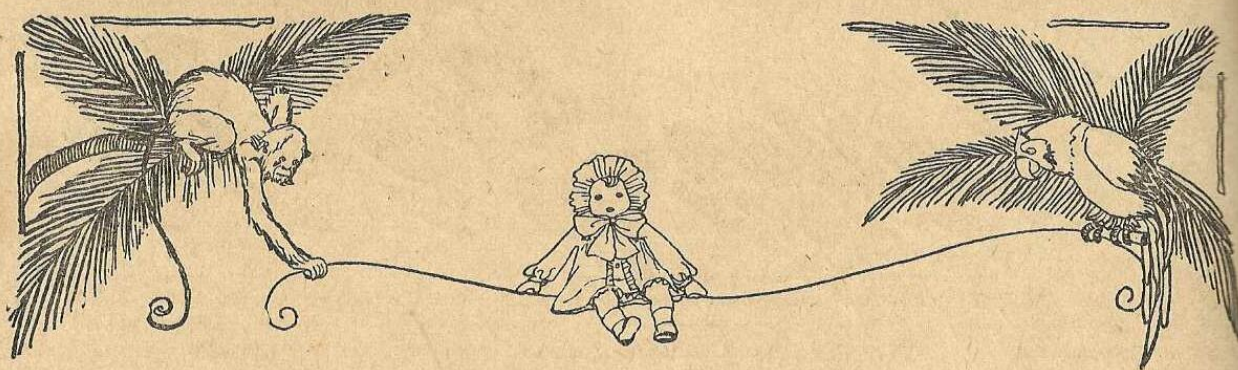
Bem-Te-Vi

ANO XVIII

NUM. 11



NOVEMBRO DE 1940



O CANTO DA PRINCESA

Dulce foi passear em casa de sua amiguinha. Brincou com muitos brinquedos mas o que a deixou mais encantada foi a Mulata. Vocês sabem quem era a Mulata? Era um papagaio, todo verde, com umas penas amarelas e vermelhas salpicadas pelo corpo. E o mais extraordinário é que êle falava! Sim, falava muita coisa. Chamava todos da casa pelo nome, até o Perí. Foi por isso que Dulcinha só falava na Mulata.

No dia de seus anos o pai fêz-lhe uma surpresa. Ah! Garanto que vocês já sabem qual foi o presente, não sabem? Pois foi uma mulata, igualzinha à de sua amiga. Mas Dulcinha deu-lhe o nome de *Princesa*. Era um lindo papagaio. Dava gosto vê-lo. Vieira de Mato-Grosso. E não demorou Dulcinha o estimava mais do que a qualquer de suas bonecas. Tôdas as tardes, depois do jantar, costumava pegar sua cadeirinha de balanço, sentar-se ao lado da gaiola de Princesa e cantar-lhe uma canção para fazê-la dormir. Era mais ou menos assim:

Durma Princezinha
Princezinha, minha flôr.
Durma, durma Princezinha,
Princezinha meu amor.

Era só a menina começar, o papagaio escondia a cabecinha debaixo da asa e adormecia logo. Depois ela também ia dormir.

Mas, com o tempo, a menina passou a deitar-se um pouco mais tarde e portanto o papagaio também ouvia

o seu *nana* um pouco mais tarde. Mas era com grande esforço que êle esperava a hora de Dulcinha vir cantar, pois as aves não são como as crianças que se deitam mais tarde à medida que vão crescendo. Entretanto, como êle já estava tão habituado a ouvir aquele canto, não era capaz de dormir sem êle.

E um dia em que ela tardara muito, o papagaio pensou que não viesse mais. Êle estava com tanto sono que até quasi caiu do seu poleiro. Então resolveu fazer uma coisa.

Mas quasi imediatamente Dulcinha chegou. Que vocês pensam que ela ouviu?

A Princezinha cantando para se adormecer! Que engraçado!

Mas era a pura verdade. Com a cabecinha debaixo da asa, em sua habitual posição para dormir e distintamente por entre as penas ouviam-se as conhecidíssimas palavras:

Durma Princezinha
Princezinha, minha flôr.

Dulce quasi não podia acreditar. Que fêz? Deitou-se no divan ao lado e ficou a escutar, tencionando depois cantar para sua Princezinha.

E o canto continuava, cada vez mais baixinho.

Finalmente cessou. A Princesa adormecera. E no divan, dormindo também, estava a Dulcinha embalada pelo canto do seu querido papagaio.

Bem-Te-Vi

ANO XVIII ★ REVISTA MENSAL — matriculada conforme o decreto 24.776 de 14 de Julho de 1934. ★ NUM. 11

Gerente responsável: —
Fernando Buonaduce

Redação: Av. Condessa de São Joaquim, 155
Oficinas: Rua da Liberdade, 659

Assinatura anual 10\$000
Número avulso . 1\$000

Tôda a correspondência deve ser enviada à Gerência do "Bem-Te-Vi"—Caixa Postal, 3120—S. Paulo

Diretor:
Afonso Romano Filho

● São Paulo, Novembro de 1940 ●

Redatora:
Antonieta Gonçalves Gilioli

CENAS da ESCOLA ANTIGA



No tempo da escola antiga,
Em que tudo se ensinava
Decorado e com cantigas,
A criançada apanhava...

Havia numa provincia
Uma escolinha de gatos
Onde, entre outras ciências,
Se ensinava a caçar ratos...

Num dia em que eu assisti
A uma aula de caçar,
A pequenina Mimi
Não cessava de brincar.

O bichano, professor
Dos bichaninhos levados,
Castigava-os com rigor
Quando eram malcreados.

Havia um gatinho branco,
De pêlo fofo e macio,
Que só reinava no banco
E nada, nada aprendia.

Pegava um giz côr de rosa
E se punha a rabiscar.
Tentando na sua lousa
O professor desenhar.

Se o professor descobria
Que estavam dêle a zombar,
Chamava-os... e a gataria
Já começava a miar.

Havia um adiantado
Que tinha bom coração;
Era o de pêlo rajado
O que mais sofria então.

Enquanto a turma apanhava,
No seu banquinho assentado,
O pobrezinho chorava
De dó dos outros, coitado!

No tempo da escola antiga
A criançada estudava;
Mas, se havia alguma intriga
A varinha trabalhava!...

HELENA DE MAGALHÃES LIMA.

PERÍ VAI À ESCOLA

As crianças amanheceram alvoroçadas. Era o primeiro dia de aulas depois de dois meses de boas férias. Alcides arranjava a bolsa com os cadernos e lapis; Altair preparava a merenda e Joãozinho, que ia pela primeira vez, achava-se atrapalhado em amarrar os sapatos; entrou em cena o Perí que, por brincadeira, agarrou o cordão com os dentes e começou a puxar.

— Perí! chamou logo Alcides, não amole o Joãozinho. Vamos.

O cachorrinho obedeceu. Sentou-se ao lado, de orelhas em pé, observando o seu companheirinho que, nesse dia, ia deixá-lo para ir à escola. Joãozinho, ocupado em enfiar o cordão, não reparou mais nele e tendo terminado, levantou-se e foi procurar os outros dois que o esperavam.

— Até logo, Perí, disse Alcides. Você é que é um felizardo; não precisa aprender contas, nem geografia, nem ir à escola.

— Até logo, Perí, disseram Altair e Joãozinho.

Mas Perí foi atrás deles.

— Volte Perí. Na escola não deixam entrar cachorro. Passe para casa.

“Fiquei triste com o tom de voz de Alcides, conta-nos o próprio Perí. Parei. Ouí Joãozinho perguntar — Será que Perí não pode ir somente hoje?”

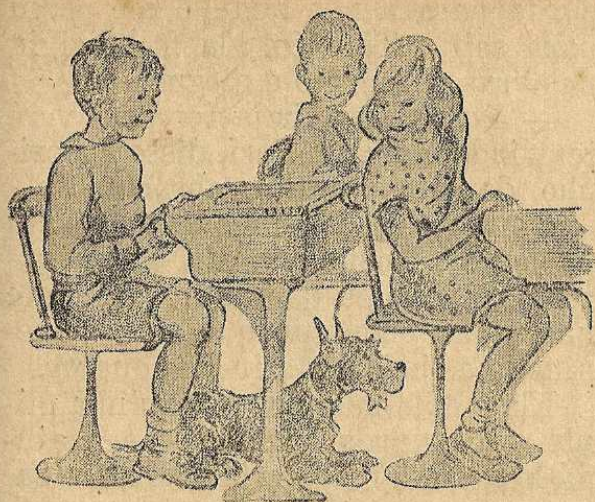


Mas Alcides continuou firme e me mandou voltar. Então voltei, mas muito devagar, parando aqui e ali para ver Joãozinho. Vi que ele também olhava para trás para me ver. Então decidi que, se Joãozinho precisava ir à escola, eu também tinha de ir. Mas vi logo que não podia ir com eles. Seguí-os de longe.

Afinal avistei a escola. Estava regorgitando de crianças tagarelas e risinhas. Fui varando por entre suas pernas; algumas me viram mas ninguém me mandou embora. Por uns instantes fiquei perturbado, pois não podia encontrar Joãozinho. De repente avistei-o na escada, segurando ainda a mão de Alcides. Não me aproximei. Havia muitas outras crianças pequenas, segurando também na mão da mãe, do pai ou de algum irmão mais velho. Vi chegar muitas outras, entre elas uma pequenina de vestido côr de rosa; essa não estava satisfeita, pois, choramingando, dizia: “Quero ir embora”.

Depois tocou uma campainha e todos se apressaram a entrar. Corri então para junto de Joãozinho. E teria entrado com ele se não fôsse Altair ter-me visto. Franziu a testa e disse contrariada: “Não lhe dissemos que fôsse embora, cachorrinho turrão?”

Sacudí o rabo e fiz-lhe uma carinho alegre, esperando que ela cedesse, mas qual! “Agora você tem de ficar aí para fora” e, deixando-me, levou Joãozinho à sala. Dalí a pouco as portas se fecharam. Dei um latido triste de desapontamento. Depois de esperar na escada por muito tempo, resolví procurar outra porta. Achei uma que estava apenas cerrada. Entrei. Era o pavimento térreo. Farejei o cheiro dos sapatos de muitas crianças, mas não podia descobrir o de Joãozinho. Subí por uma escada e dei com um corredor. Afinal, senti o seu cheiro numa soleira. Arranhei



a porta de mansinho e esperei. Nada. Fui ficando impaciente e dei um latido. Ninguém atendeu. Ouí que lá dentro cantavam e latí mais alto. Nada. Deitei-me à porta para esperar, sabedor de que as portas sempre abrem e afinal abriu para sair um menininho. Não perdi tempo, dei um pulo e enquanto ele saía eu entrava. Era ali o 1.º ano e localizei logo o Joãozinho. Dei dois pulos até seu lugar. Joãozinho olhou-me sério, depois sorriu. Deu-me sinal para deitar debaixo de sua carteira. Acomodei-me perto de seus sapatos novos e, para mostrar-lhe minha satisfação, batí bastante o rabinho no chão. De repente o coleguinha ao lado me viu e me mostrou para a menina da frente. Os dois pareceram gostar. A professora não havia dado por mim. As crianças iam cantar outro canto. Era um que só falava do gatinho Mimí. Não apreciei muito, não, especialmente do côro que dizia: "*miau, miau, miau*". No terceiro *miau*, não suportei e latí forte. Cantei com eles. Todos se voltaram para mim. Deram gritinhos e risadas e a classe se desordenou. Aquela menininha de vestido côr de rosa até saiu de seu lugar para me ver. Gostei da atenção que me estavam dando, mas de repente a professora se aproximou de mim e perguntou: "De quem é êste cachorro?" Joãozinho começou a morder as unhas de medo, mas disse que eu era dêle. Então a professora lhe disse bondosamente, batendo-lhe no om-

bro: "E' muito bonito o seu cachorro, Joãozinho, mas não podemos tê-lo na escola. Leve-o lá fora."

Joãozinho pegou-me pela coleira e me arrastou para o quintal. "Acho que Alcides e Altair tinham razão", segredou-me êle. Eu não queria ficar, pois ainda achava que o meu lugar era junto de Joãozinho. Mas êle me disse: "Fique quieto aí que saio logo." E a porta se fechou novamente.

Deitei-me na calçada e pús-me a pensar: "Que mundo esquisito. Até aquele dia Joãozinho e eu tínhamos sido amigos inseparáveis. Agora por motivo que não compreendo, estamos separados. Que coisa!"

O guarda passou e assobiou para mim. Êle vinha chegando para vigiar as crianças à saída. Mas não lhe dei atenção. Pouco depois abriu uma porta. Levantei-me depressa, pensando ser o Joãozinho. Entretanto, era a menininha de vestido côr de rosa que vinha muito triste, quasi chorando. Sacudí o rabo e fui perto dela.

— Quero ir embora, disse-me ela. Não quero ficar na escola. Quero mamãe.

Compreendí. Ela lançou um olhar à escola e deu uma corrida. Corrí ao lado dela. Justamente quando atravessava a rua, um caminhão dobrou a esquina. A menina não parou e ia continuar a atravessar diante do caminhão. Vi o perigo. Como um raio, dei um latido forte, de aviso, e ainda em tempo puxei a menina pela barra do vestidinho, trazendo-a na calçada. (Valera-me a experiência que tive certa vez em que fui atropelado por um carro). O motorista bre-cou imediatamente, levantando uma



nuvem de pó. O polícia acudiu; a menininha chorava de fato e vi-me cercado pelos dois homens e pela menina.

O motorista repetia ainda: "Se não fôsse o cachorro eu teria atropelado a menina. Devo sua vida a êle."

— Não vê que esta é zona escolar e portanto deve guiar o carro devagar, inda que o guarda não esteja a serviço? dizia-lhe o polícia.

Depois ambos procuraram acalmar a pequena; disseram-lhe que não se atravessa rua sem olhar bem de todos os lados para ver se vem algum carro. A mim só dirigiam palavras de elogio e agradecimento.

Em seguida o guarda levou a menina ao 1.º ano e relatou o sucedido à professora. Ela ficou pálida de susto e disse: "Eu nem desconfiei que

ela ia para a rua quando me pediu para sair". Também ela me dirigiu palavras de apreço e alegria.

— Pelo menos hoje foi bom você ter vindo à escola, Perí, disse Joãozinho, dando-me muitos abraços.

No dia seguinte meu retrato saiu no jornal. Todavia ainda me afigurava ridículo eu querer ir à escola e não poder enquanto que aquela meninada é obrigada a ir sem querer.

Ela é hoje uma boa amiguinha minha e o guarda convidou-me a ajudá-lo a cuidar das crianças no atravessar à rua, saindo da escola.

E assim é que, quasi todos os dias, vou esperar Joãozinho e vigiar a criançada do 1.º ano. Todos me querem muito bem, fazem-me festa, chamam-me pelo nome, e sinto-me verdadeiramente feliz."



Os óculos que Deus deu

Joãozinho chegou da escola, contando que havia um menino novo em sua classe.

— Acho que não vou gostar dêle, mamãe, pois tem ares de se considerar melhor que os outros.

Mamãe pensou nos demais colegas a quem Joãozinho não apreciava por causa de uma ou outra coisinha.

— Joãozinho, olhe bem para mim.

O menino ficou muito espantado.

— Deixe-me ver seus olhos, continuou ela. Você precisa usar óculos, meu filho.

— Mas, mamãe, eu enxergo bem. Para que?

— Não enxerga, não. Você só vê os defeitos dos outros, e isso revela grande defeito seu. E' preciso usar uma certa qualidade de óculos, que fazem enxergar só as qualidades boas dos outros.

Joãozinho achou aquilo muito exquísito, e perguntou:

— Mas onde se encontram êsses óculos?

— Ah! Isso é só Deus quem pode dar. Chamam-se "Óculos do Amor". Com êles nos olhos, você verá o mundo de outro jeito, tudo mais bonito. Se você quiser, peça a Deus que se alegrará em dar.

Naquela noite, a mãe ouviu Joãozinho dizer, ao fazer a oração antes de se deitar: "Senhor Deus, eu queria aqueles óculos que mamãe falou que só o Senhor tem para dar."

Alguns dias depois, em sua oração da noite, acrescentou: "Senhor Deus e meu bom Pai, os óculos que o sr. me deu são milagrosos. Já estou gostando dos meus colegas. Como eu era cego! Muito agradecido."

E vocês, meus queridos bem-te-vistas, não estarão precisando de óculos como o Joãozinho?

BRASILEIROS ILUSTRES



Santos Dumont



Vocês já viajaram de avião? Com certeza alguns bem-te-vistas já experimentaram o prazer de andar nas alturas. Não é bom mesmo? Outros talvez nunca nem tenham tido a oportunidade de ver um aeroplano passar por cima de suas cabeças e até fiquem amedrontados se um dia virem o “bichão” voando.

Bem, escutem a história que lhes vou contar, e com bastante atenção, pois é verdadeira e não deixa de ser interessante.

Há muitos, muitos anos, houve homens em diversos lugares do mundo que pensaram em fazer aparelhos com que pudessem voar. Quem não gostaria de cortar os ares como os passarinhos? Deveria ser esplêndido! E, impulsionados por êste desejo ardente, chegaram alguns a inventar balões, tendo em baixo uma barquinha. Eram como os balões de S. João. Os meninos certamente são peritos em fazer balões, não é verdade? Pois, êstes balões com barquinha em baixo subiram levando gente. A experiência foi feita em 19 de setembro de 1785 na cap. da França, levando como passageiros um carneiro, um galo e um pato; o resultado foi satisfatório. Entusiasmados subiram os dois primeiros passageiros homens em 21 de novembro do mesmo ano. Cabe a *Joseph Montgolfier*, francês, a honra de ser o pai do balão.

Estava dado o primeiro passo. Mas, os balões vagueavam à mercê dos ventos; subia-se num lugar sem saber onde se haveria de descer. Puderam apenas descobrir como fazê-lo subir e descer, mas não como *dirigi-lo*.

Tentaram, desistiram. Passaram-se anos, um século.

* * *

Mas ainda havia de nascer o menino que deslumbraria o mundo todo. E ei-lo que chega no dia 20 de julho de 1873 em *Cabangú*, parada de João Aires, município de Palmeira, Minas. Alí nasceu o Albertinho, último filho do casal Santos Dumont. Nasceu no mato. Seu pai Henrique Dumont era engenheiro de linha.

Casara-se com Francisca Santos, filha do Comendador Paula Santos. Alberto encontrou à sua chegada seis irmãos: Maria, Gabriela, Francisca, Sofia, Henrique e Luiz.

Alí foi crescendo o caçula. Mudou-se depois a família de Minas para Ribeirão Preto, em S. Paulo, onde o pai comprou uma fazenda de café; alí Alberto teve muito com que se distrair. Admirava as máquinas da usina e acompanhava o seu movimento com interesse incrível. Aos sete anos abandonava o velocípede para dirigir os locomoveis de chaminés compridas que puxavam madeira pelas estradas poeirentas. Enquanto êle se entretinha nesses brinquedos engenhosos, as irmãs brincavam de bonecas. Um dia pediu-lhes uma, prometendo fazê-la mover sózinha, os braços e as pernas por um processo que arranjaría, mas elas não quiseram e a idéia se perdeu. Mas Alberto tinha gosto em lidar com mecanismos e por vezes era a mãe que o chamava para consertar uma máquina de costura. E com que presteza e orgulho dava conta do recado! Ele era um menino franzino de corpo, mas ágil, vigoroso, destemido, sereno e pronto para as decisões heroicas. Enquanto brincava como as outras crianças, também sonhava; faria isto, desvendaria aquele mistério, descobriria leis, provaria a possibilidade do que aos outros parecia impossível. Grande mentalidade a de Alberto Santos Dumont!

Certa noite a criançada estava reunida em torno à mesa para um jogo de prendas — pomba-voa.

— “Pomba voa? gritou um jogador.

— Voa! gritaram todos, erguendo o dedo.

— Urubú voa! Bem-te-vi voa! Borboleta vôa!

A cada grito, os dedos se levantavam, confirmando.

— Cachorro voa!

Só um dedo se levantou: foi o de Pedro que se distraira, provocando risada geral.

— Cachorro não voa! Pague prenda.

Pedro pagou. E o jogo prosseguiu:

— Abelha voa! Perdiz voa! Besouro voa!

Todos os dedos para o ar. De repente, gritaram:

— Homem voa!

Desta vez é o nosso Alberto que levanta o dedo bem alto.

— Homem não voa, Alberto! Passe a prenda aquí.

— Homem voa, sim!

— Não voa!

— Voa! Não pago!

A roda prorrompe numa vaia enquanto Alberto, dedo espetado no ar, rebelde, so-branceiro à tempestade de apupos, sorri, com pena daquela gente ignara, que não sabia que o homem voava. Pôs-se de pé, levantou o dedo mais alto ainda e gritou:

— O homem voa! O homem voa! O ho-mem voa!

E não pagou prenda”.

Mas quanto sacrificio lhe custou para provar ao mundo que o homem podia voar! Até ali só voava na sua imagina-ção.

“Ora, se o homem nada sem ser peixe, porque não haverá de voar sem ser pas-saro?” era o pensamento que lhe marte-lava a cabeça. E não descansou.

Fez muitos aeroplanos de palha, acio-nados por um propulsor de estilingue; fez balões, fez papagaios. Começou a in-ventar (mas só na cabeça e muito em se-grêdo) uma verdadeira máquina volante.

Mas o menino não podia ficar só na fa-zenda. Mandaram-no interno para o Co-légio Menezes de Vieira, no Rio. Foi um aluno como qualquer outro. Quem have-ria de suspeitar que na cabeça daquele menino miudo e modesto havia um sonho tão imenso! Foi depois estudar em Ouro Preto, mas não terminou o curso. Dos filhos de Henrique Dumont foi o único que não se formou em engenharia.

A primeira vez em que Alberto viu um balão de verdade foi aos quinze anos em S. Paulo, numa feira. Ficou arrobado! O espaço o convidava e ele já quasi não podia resistir.

Três anos depois sua família foi à Fran-ça, terra de seus avós. Alberto, agora mocinho já, exultava de alegria. Ia afi-nal para Paris, a cidade que vira subir o primeiro balão, e onde esperava encon-trar os balões dirigíveis. Mas ficou de-cepcionado ao saber que os balões diri-gíveis não passaram de ensaios. Pois bem, acabaria ele por construir o seu navio aéreo. Mas a questão é que ele conhecia apenas o motor a vapor, pesado demais para máquinas aéreas que exigiriam mui-ta força e leveza.

Na véspera de regressar ao Brasil, já completamente desiludido de seu sonho, teve a ventura de ver um motor a petró-leo, o mais leve de que tivera conhecimen-to. Tomou alento. Nova esperança se apossava dele. Falou com o pai de quem recebeu consentimento para ficar em Pa-ris, estudando.

E o pai se orgulhava em ver a fascina-ção crescente de Alberto pelos mistérios do mundo mecânico. Encorajou-o. Era rico e deu-lhe centenas de contos de réis, dizendo:

— “Já lhe dei a liberdade; aquí está mais êste capital... Tenho ainda alguns

anos de vida; quero ver como você se con-duz. Vai para Paris, o lugar mais peri-goso para um rapaz. Vamos ver se você se faz um homem!...”

Que desafio para um rapaz de dezoito anos!

Depois de breve tempo no Brasil, par-tiu novamente para Paris, entregando-se ao estudo da Química, Física, Astronomia e Mecânica. E Alberto Santos Dumont não descansou — era estudar, trabalhar, experimentar, viajar e observar.

A certa altura dos estudos quis experi-mentar subir num balão. Procurou um aeronauta, célebre por suas peripécias vo-lantes. Mas diante dos obstaculos que êle apresentou e do pagamento formidável, que exigiu, (honorarios ex-produtivos, as-sinatura de contrato, responsabilidade pela vida de ambos, por danos ao balão e acessórios, bem como por todos os prejui-zos causados ao público, em caso de aci-dente, pagamento de frete de estrada de ferro e demais transportes do ponto em que, porventura, aterrasssem), diante dis-so Santos Dumont desistiu.

Novamente regressou ao Brasil e no Rio encontrou por acaso um livro sôbre os balões. Avivou-se-lhe novamente o en-tusiasmo.

Quando voltou a Paris, dirigiu-se sem perda de tempo a um construtor de balão, o snr. Lachambre, e combinou uma su-bida para o dia seguinte, por 250 fran-cos. E que sensação a de sentir fugir a terra sob os pés! Quando voltou à ter-ra, sentia-se outro, tantos eram os seus planos. Aprendeu muita coisa nessa 1.^a ascensão. E não ficou nisso — trinta as-censões fez sozinho em diversas cidades da França e da Belgica. Estudou a fundo os múltiplos problemas da aeronáutica. Afinal resolveu construir o seu próprio balão, com o material que êle mesmo es-colhera, embora só muito a custo concor-dasse o snr. Lachambre em fazê-lo por não satisfazer às exigências até então co-nhecidas, pois queria—o Santos Dumont espantosamente reduzido, podendo ser do-brado e transportado numa valise. A as-censão foi brilhante. A barquinha pare-cia uma bolha de sabão que se perdia no ar. E o seu nome foi “Brasil”.

Assim escreveu Santos Dumont:

“O meu primeiro balão,
O menor,
O mais lindo,
O único que teve um nome:
— Brasil”.

* * *

Depois dêsse, outros vieram, mas fo-ram batizados pelo povo parisiense por Santos Dumont n.º 1, n.º 2, n.º 3, até o n.º 14.

Todavia, Santos Dumont, cansou-se de viajar só e quis levar compa-

nheiros e repartir com êles o prazer da ascensão. Precisou pois fazer um balão maior.

Certa vez subiu com quatro convidados para um piquenique no espaço. Quantas peripécias! Afinal aterraram sem dificuldade. De outra feita subira em Nice com um tempo bonito, mas enquanto nas alturas o tempo mudou consideravelmente, veio uma tempestade e depois de uma luta ingente, foi apanhado pela tormenta, sendo, fortemente atirado para fora de sua barquinha. Perdeu os sentidos. Quando voltou a si estava rodeado de camponeses "que lhe costuraram a roupa e chamaram médicos para costurar-lhe a pele". E assim fez êle muitas vezes, caindo ora aqui, ora ali, assombrando pacatos camponeses ou passando por espião em virtude de, sem o saber, haver transposto a fronteira do país.

Contudo Alberto não descansou: "pôs-se a calcular e a desenhar o seu balão dirigível, de tamanho apenas suficiente para elevar a barquinha, o motor que seria a petróleo, o combustível, o equipamento, a quantidade de lastro estritamente necessária e os 50 kgs. do tripulante único".

No dia 18 de setembro de 1898 o Jardim da Aclimação, de Paris estava apinhado de gente para assistir à primeira experiência de seu dirigível. Foi um desastre, como previra S. Dumont, por haver dado atenção aos colegas. Porém, 2 dias depois, em 20 de setembro, portanto, no mesmo local, realizou o seu sonho. Subiu, impulsionado pelo motor e aclamado pela multidão delirante e qual um senhor dos ares, operando um milagre, manobrava o seu balão, descia, subia, voltava-se para a direita, para a esquerda, combinava movimentos, *dirigia* afinal. Era a prova cabal de que o homem podia voar. Depois tomou a direção do hipódromo de Longchamps. Mas subitamente, eis que, falhando a bomba de ar, milhares de olhos vêm dobrar-se à contração do hidrogênico, fechar-se e vir tombando, de uma altura de 400 metros. Morte certa. Seria castigo de sua ambição? Não podia ser. "Quando o caboguia estava para tocar o prado de Bagault, Dumont viu uma chusma de meninos que empinavam papagaios. Galvanizados por uma idéia súbita, gritou para baixo a plenos pulmões:

— Puxem a corda contra o vento!... A tóda a fôrça... Para lá!... Para lá!...

Gritava ainda e já os garotos "tendo agarrado, ao mesmo tempo, a idéia e a corda", corriam a tóda velocidade pelo campo afora. Retesado o cabo, amorteceu-se a queda e o balão veio dar em terra, com um pequeno choque".

Saltou da barquinha, como se ressus-

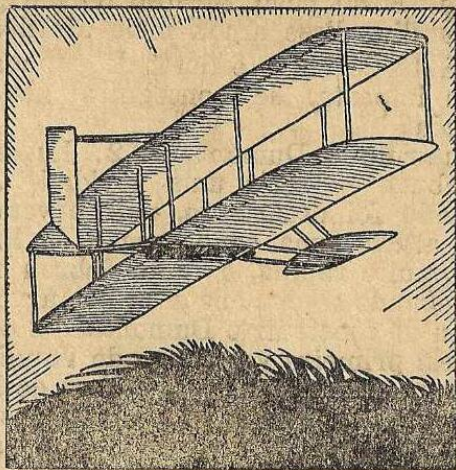
citasse. E ao povo, ansioso de lhe prestar auxílio, disse ainda meio atordoado:

— Subí de balão e desci de papagaio...

Que importa, se conseguira navegar pelo céu?

Construiu o Dumont n.º 2. Estreou-o com chuva — seria uma novidade... O resultado foi desastroso, pois havendo a certa altura uma condensação de hidrogênio muito rápida, o vento dobrou o balão, levando-o de encontro às árvores. Tratou de construir o Dumont n.º 3 e com êle, pela primeira vez alteou de Vaugirard e rumou em linha reta ao campo de Marte, em 13 de novembro. Dirigiu-se ao Parc des Princes, contornou por várias vezes a Torre de Eiffel; depois foi aterrar sem contratempos no campo de Bagatille onde no ano anterior se dera o acidente do seu Dumont n.º 1. Não havia mais dúvida, sua invenção era uma realidade. E pensou então em fazer o seu hangar, um abrigo onde a aeronave pudesse ser mantida sempre cheia de gaz, pronta a subir a qualquer momento. Quebrando-se o leme do n.º 3, depois de diversos voos, construiu o n.º 4, com o qual concorreu ao concurso de balões instituído pelo Ministério do Comércio e Indústria, deixando a comissão julgadora muito bem impressionada. Santos Dumont, porém, não estava ainda satisfeito. Fez melhoramentos no n.º 4, terminando por ter o n.º 5.

Em março de 1900 o snr. Henry Deutsch, milionário apaixonado por assuntos aéreos instituiu um prêmio de ... 100,000 francos, válido até 31 de outubro de 1901, ao aeronauta que "partindo do parque do Aero Clube, em Saint Cloud, fizesse a volta da Torre Eiffel, regressando ao mesmo lugar, por linha previamente traçada, como a da ida, no prazo máximo de 30 minutos, e num percurso de 11 kms.". Era um trajeto que Dumont já havia feito por diversas vezes, apenas em tempo indeterminado. Não temia, pois, os seus concurrentes. No dia 12 de julho de 1901, madrugou. As 4 horas e meia, transportava o n.º 5 ao Hipódromo de Longchamps e fez muitas experiências, rodeou a torre de Eiffel; sim, estava certo, certíssimo de haver chegado o momento. Avisou a Comissão Técnica do Prêmio Deutsch que dali a 24 horas concorreria a êle. O povo de Paris amanheceu alvoroçado, espalhando-se pelos arredores de Saint Cloud, Longchamp e Campo de Marte; pelo trajeto do voo, mais de 20.000 pessoas esperavam ansiosas. "As plataformas da Torre Eiffel regorgitavam de gente, munida de binóculos, disputando lugares". As 6 horas e 40 minutos em ponto, um membro do juri deu o sinal de partida e o balão alteou, contornando a Torre em 10 minutos; lutou he-



roicamente com o nordeste rijo e alcançou novamente Saint Cloud. Perdera por 9 minutos. Que disse então? "Concorrei de novo". Aconteceu, porém que o motor parou sem que Dumont conseguisse despertá-lo e, sem governo, foi levado pelo vento de encontro a um castanheiro do parque de Edmundo Rotschild. Os criados da casa correram a acudir-lo, encontrando-o de pé, na barquinha na copa da árvore, enquanto a hélice tocava o solo. E a princesa Isabel, a Redentora, que morava perto do parque Rotschild, ao saber do acidente, enviou-lhe um lanche e convidou-o a ir vê-la depois.

Santos Dumont não esmoreceu. Consertou o dirigível e no dia 8 de agosto reapareceu ante a Comissão Técnica. Em 9 minutos contornou a Torre, mas uma válvula falhara ao começar a volta a Saint Cloud. O homem-pássaro percebeu o perigo; lutou sobrehumanamente mas em vão: entre os gritos de terror da multidão, o destemido aeronauta vinha em posição de desequilíbrio, na barquinha, presa agora por um único fio. E arrastados pelo vento, passaram sobre os hotéis de Trocadero, indo o balão bater no telhado dum edifício; explodiu como um enorme saco de papel batido contra uma parede. Por sorte ficou a barquinha entalada entre um telhado e uma parede. Socorro não lhe faltou. Tiraram-no de lá por meio de cordas.

— Que tenciona fazer agora? perguntaram-lhe os reporteres.

E, para assombro de todos, respondeu simplesmente:

— Recomeçar!

E fez-se o n.º 6. E no dia 19 de outubro compareceu pela 3.ª vez perante a Comissão Técnica do Aero Clube. Às duas horas e 42m., foi dado o sinal da partida. Ventava muito, mas Santos Dumont estava confiante na força de sua aeronave. Em 9 minutos já havia vencido 5 km. e meio, justamente a metade do caminho;

contava ainda com 21m., para a outra metade. E o motor por duas vezes ameaçou de parar. Santos Dumont não perdeu a calma, conseguindo fazê-lo trabalhar novamente e em 29 minutos e meio, chegava ao ponto de partida! Porém, com o ímpeto da chegada, ultrapassou o ponto final. Voltou atrás e aterrou sob gritos de alegria e aplausos sem fim, 1 minuto e dez segundos depois.

— "Ganhei?" perguntou, da barquinha, à multidão.

— Sim!... responderam milhares de bocas.

Todavia, alguns membros da Comissão acharam que não merecia o prêmio por haver excedido 40 segundos.

— Concorrerei de novo! exclamou Dumont, sem discutir.

— Não! Não! Não! exigiu o povo parisiense, inflamado de justiça. Ganhou! Ganhou! Ganhou!...

E o nosso irmão brasileiro, de 1m. 60 alt. e pesando apenas 50 kgs., parecia não conter toda a glória que trazia sobre si e sobre o Brasil.

"Por toda a face da terra, o telégrafo espalhava a vitória e o milagre... E milhões de almas estremeceram de júbilo, milhões de bocas repetiram o seu nome... Chegavam-lhe cartas de todos os países, em todas as línguas; e telegramas, e flores, e homenagens e presentes... A multidão anoitecia-lhe e amanhecia-lhe à porta, para vê-lo apenas um instante, entrar ou sair, entre aclamações ensurdecedoras..."

Choveram balõesinhos de brinquedo, cópias do Dumont n.º 6.

O governo brasileiro enviou-lhe um prêmio de 275,000 francos e uma grande medalha de ouro onde se lia: "Por céus nunca dantes navegados..."

E dentre tantas e incontáveis manifestações, uma carta houve que lhe trouxe saudosas recordações. Era de Pedro, seu velho amigo da infância, lá da fazenda de R. Preto, fazendo-o lembrar do dia em que ele S. Dumont não pagou prenda por dizer que o homem voava. "O snr. Deutsch pagou por você", dizia o amigo.

Santos Dumont ainda mandou construir mais oito aeronaves. Queria descobrir ainda um jeito de dispensar o bojo de hidrogênio, perigoso, ameaçando sempre explodir ou murchar. E também isto conseguiu aquele homem destemido. Consta que seus dias mais felizes foram o 12 de julho de 1901, dia em que o telégrafo anunciou ao mundo a dirigibilidade dos balões e o 23 de outubro de 1906, dia em que oficialmente foi recebida sua nova vitória, maior ainda que a primeira, apresentando ao mundo um biplano celular.

Estava resolvido o problema "do mais pesado que o ar". Voaria com os próprios recursos.

* * *

Mas o que Santos Dumont não sonhara para a "criatura de seus desvelos" é que ela se tornasse instrumento de morte, de ódio, de destruição como aconteceu na guerra de 1914 e aqui no Brasil a de 1932. E esta dor profunda o esmagou a ponto de tirar-lhe a vida.

Ele que sempre tivera um coração amoroso, caritativo em extremo, sentir-se cul-

pado de tão nefando criação? Ah! Não foi para isso que trabalhou, sofreu revezes, passou por graves desastres, sonhou, criou, gastou fortuna, nervos, vida, envelheceu... Não! Acalentava antes a esperança de ver derribadas as fronteiras tôdas e reinar o verdadeiro amor fraterno.

Mas assim não foi. E nessa tristeza e dor profunda morreu Santos Dumont, o gigantesco passáro humano, em 23 de julho de 1932 no quarto dum hotel de Santos.



PASSATEMPOS

Hoje o passa-tempo é para os pequeninos. Que alegria vai ser! A irmã mais velha deve providenciar tudo de modo que os pequeninos dêem uma boa hora de sossêgo para a mamãe.

Arranje-se uma porção (1½ l. mais ou menos) de feijão ou de fava. Se for possível escolha feijão de côr, mulatinho, preto, vermelho e branco. Quanto mais misturado, melhor. Deixe um dia de mô-

lho e verá que os grãos ficarão inchados e moles. Arranje agora agulhas com fios bem compridos e fortes, tendo nó numa ponta. Agora ponha as crianças tôdas sentadas, cada uma com sua agulha, a enfiar feijão. Num instante elas pegarão o jeito e sentirão prazer em enfiar 4 ou 5 iguais e um de côr diferente. Depois farão colar e pulseira de feijão para as bonecas.

Experimentem.



PETISCOS para os Bem-Te-Vistas

Bolo barato

2 ch. de açúcar.
250 grms. de araruta.
4 ovos.

Batem-se bem as claras, ajuntam-se as gemas, depois o açúcar, batendo sempre. Ajunta-se a araruta pouco a pouco. Fôrma untada; forno regular.

Bolachas para piqueniques

1½ ch. de manteiga.
¾ ch. de açúcar.
1 ovo batido.
1 col. das de chá de baunilha.
2 ch. de farinha.
1 1½ col. das de chá de fermento royal.
1 pitada de sal.
¼ ch. de leite.

Batem-se a manteiga e o açúcar. Junta-se o ovo batido e depois a baunilha. Passam-se na peneira juntos a farinha, o fermento e o sal e alternadamente ajuntam-se a farinha e o leite. Amassa-se,

passa-se o rolo e corta-se a massa. Forno regular por uns 10 minutos.

Biscoitinhos deliciosos

6 Ovos.
1 kg. de açúcar.
750 grms. de f. de trigo.
½ kg. de araruta.
½ kg. de castanhas do Pará, picadas ou raladas.
1 colher de chá de fermento.
5 gotas de extrato de baunilha.
1 ch. de leite.
½ kg. de manteiga.

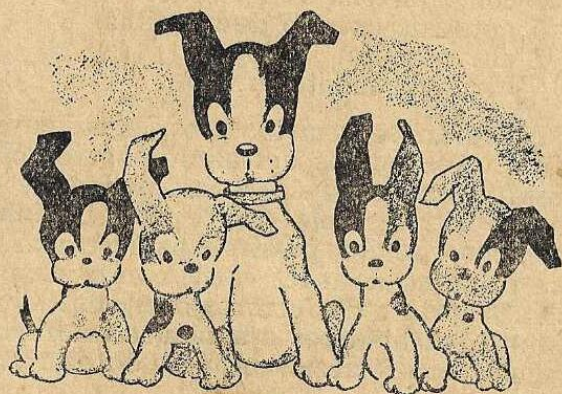
Misturam-se bem todos os ingredientes secos. Aos poucos acrescentam-se os outros. Amassa-se sôbre mármore. Se a massa estiver mole, põe-se mais farinha de trigo. Se for possível, passe a massa em máquina de moer carne com a chapinha própria e do formato desejado. Cortam-se os biscoitos e assam-se em forno regular até ficarem corados. Fôrma untada.

Tôco era um lindo cachorrinho, marron, roliço como uma bola. Vivia com a mamãe, dois irmãos e uma irmã. Dormiam num caixote, bem unidinhos uns aos outros para se aquecerem. Ele tinha apenas dois meses de idade e seu único serviço era crescer, brincar e explorar o quintal.

Um dia, era uma linda manhã, Tôco sentiu tanta vontade de passear, de conhecer o seu pequeno mundo, que afinal deu um jeito e escapou da vigilância da mamãe. O terreiro era cercado de modo que não havia muita possibilidade de se perder. Suas pernas curtinhas trotaram ligeiramente, mas como era ainda muito novo, sentiu-se fatigado. Parou, sentou-se nas pernas trazeiras e pensou: "Para que correr? Vou devagar, não tenho pressa". Continuou a andar com a cabecinha cheia de curiosidade por conhecer coisas. Adiante conversou com uma saúva; pediu-lhe desculpas por haver pisado nela, sem querer. A saúva não gostou muito mas desculpou-lhe, pois viu que ele era um cachorrinho bem educado.

Tôco parou novamente para lamber as patinhas que já estavam machucadas de tanto caminhar. Andou, mais um pouco, olhando aqui e ali, descobrindo muita coisa nova. De repente uma enorme borboleta branca passou bem pertinho dele e pousou levemente sobre uma flôr.

Equilibrou-se graciosamente sobre ela. Tôco parou assombrado, e ficou a admirá-la, sacudindo sua cauda com grande excitação.



SECÇÃO dos

TOQU e x p e r i m

"Ótimo sistema de viajar" pensou Tôco. "Ah! Se essa borboleta me ensinasse a voar!" A borboleta, sem dar por ele, continuou a pousar nas diversas flôres.

Tôco encheu-se de coragem e perguntou-lhe:

— Por favor, dona, como a senhora anda pelo ar dessa maneira?

A borboleta olhou em redor e, vendo-o, respondeu-lhe amavelmente:

— Eu bato as asas com fôrça, espicho minhas pernas e vôo, respondeu ela.

Toquinho ficou satisfeitíssimo. Como seria fácil explorar e descobrir tudo, voando! Agradecendo-lhe a explicação, procurou onde pudesse treinar. Encontrou um lugar plano, quasi sem grama nenhuma. Repetiu por duas ou três vêzes a explicação dada pela borboleta: "Eu bato as asas com fôrça, espicho as pernas e vôo."

"Facílmo! Acho que estas coisas que vejo pelo rabo do ôlho, aquí de lado, são minhas asas", pensou Tôco. "Às vêzes elas batem e sacodem quando côrro depressa."

Não esperou mais. Bateu as asas, espichou as pernas e... *bumba...* foi bater certo no chão! Coitadinho! "Com certeza não batí as asas com fôrça", raciocinou ele. Então, nova tentativa. Fechou os olhos, franziu a testa e bateu as asas com tôdas as suas fôrças, mas quando ergueu as pernas, *bumba...* outra vez. Não havia dúvida; ele não poderia subir nos

EQQUENINOS

INHO

nta voar

ares. Levantou-se, sacudiu-se todo, nenhum ôsso quebrado, felizmente. Mas não desanimou. Tentaria pela terceira vez, mas agora iria procurar um gramado.

Iria agora experimentar subir em alguma coisa e alçar vôo, pois do chão era impossível. A borboleta trepou



numa flôr, mas não havia flôr que aguentasse com o cachorrinho. Bem que êle procurou. Afinal encontrou um caixote semelhante àquele em que costumava dormir com os irmãozinhos. Trepou nêle e se concentrou. Fechou os olhos, cerrou os dentes, franziu a testa e movimentou as asas com agilidade e cada vez mais depressa. Depois pulou e espichou as pernas.

E, como da primeira vez — bumba...! Bateu o focinho no chão, deu cambalhotas e reviravoltas, sem querer. Depois parou para ver que mais iria acontecer. Nada. Abriu então um ôlho, depois outro. Achou-se deitado à sombra duma cêrca. Onde estaria? Ficou com medo. Lembrou-se então de que sua mãe lhes havia falado sôbre aquela cêrca — era o fim do terreiro; dali deveriam voltar. Nisso ouviu uma voz atrás de si:

— Que você pretendia fazer, pulando daquele jeito?

Virou-se e deu com a linda borboleta.

— Estava experimentando voar. Mas não conseguí. Não sei por que. Alguma coisa deve estar faltando.

A borboleta volteou em redor de Tôco e, pousando novamente sôbre uma fôlho de capim, disse:

— Nada de se admirar; suas asas ainda não cresceram. Eu não sei bem o que você é, mas deve estar ainda no casulo. Precisa esperar mais.

— Ah! Então é isso! respondeu Toquinho.

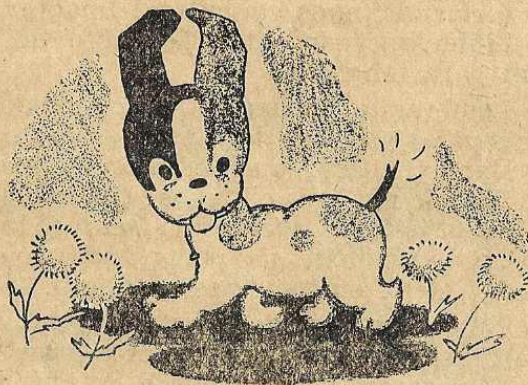
Depois disse:

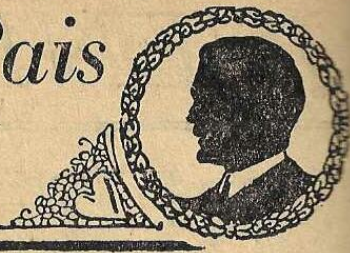
— Dona borboleta, onde é que estou?

— Voce? Está justamente na outra extremidade do terreiro. Você veio de lá, e lhe indicou a direção.

— Muito obrigado! disse êle alegre, tomando o caminho de sua casa e monologando: “Voar deve ser muito bom para uma borboleta, mas andar é bem mais indicado para um cachorrinho como eu!”

E trotou sacudindo seu rabinho alegremente.





O PAI ESQUECE

Ouve, filho:

Falo-te enquanto dormes, a mãozinha encolhida debaixo do rosto e o cacho louro, úmido, caído sobre a tua testa. Penetrei no teu quarto às escondidas e inteiramente só. Há poucos minutos, quando, no meu gabinete, lia o jornal, uma onda de remorso tomou conta de mim. Reconhecendo-me culpado, vim para o teu lado.

Vou dizer-te, filho querido, sobre o que estive pensando: tenho sido exigente demais contigo. Repreendo-te, quando te estás vestindo para a escola, porque passaste no rostinho apenas uma toalha úmida. Censuro-te porque os teus sapatinhos não estão limpos. Chamo a tua atenção, com aspereza, quando jogas alguma coisa tua pelo chão.

No café encontro faltas ainda. Desperdiças as cousas. Comes apressadamente. Pões os teus cotovelinhos na mesa. Passas manteiga demais no pão. Passo todo o tempo a ralar contigo, meu filhinho. E, quando saís para brincar e eu vou tomar meu trem, levantas a mãozinha, acenas um gesto de amizade e dizes: "Até logo, papai!" e eu, na eterna ânsia de repreender-te, franzo a testa e digo-te: "Endireita os ombros!"

E quando regresso à tardinha recomeço as minhas exigências. Quando subo a estrada, venho espiando-te. Vejo-te, de joelhos, jogando gude com os teus amiguinhos. Descubro buracos nas tuas meias. Diante dos teus companheiros, humilheite, dando-te ordens para seguir à minha frente para casa. As meias custam muito dinheiro. Se tivesses de pagar por elas, saberias ser mais cuidadoso! Imagina só, filhinho adorador, tudo isto dito de um pai para um filho!

Lembras-te de, mais tarde, quando eu estava no gabinete lendo, como vieste, timidamente, com uma espécie de mágoa brilhando nos teus olhinhos? Quando olhei para o jornal, aborrecido com a interrupção, hesitaste na porta. "Que queres?", disse eu intempestivamente.

Não disseste uma palavra sequer, mas correste para mim, passaste os braços no meu pescoço, beijaste-me, e os teus bra-

cinhos apertaram-me com um afeto que Deus colocou florescente no teu coraçãozinho e que mesmo com toda a minha negligência, não pôde fenecer. E, então, foste, aos pulos, escada acima.

Bem, meu filho, foi pouco depois disto que o jornal caiu das minhas mãos e um receio doentio invadiu-me inteiramente. Que vantagens para mim vinha ensejando o meu modo de tratar-te? Descobrir tuas faltas, repreender-te pelas mínimas cousas era a minha recompensa para ti, meu filho, por seres uma criança. Não era porque eu não te amasse; era porque eu queria exigir demais da tua infância. Eu te estava medindo com as jardas dos meus próprios janeiros.

E no teu caráter há tanto de bom, de fino e de verdadeiro! O teu coraçãozinho é tão grande como a própria aurora quando desponta sobre as grandes montanhas. Melhor demonstração de tudo isto não podias dar do que, a-pesar-de tudo e depois de tudo, correndo para mim e beijando-me carinhosamente ao dizer-me boa-noite. Filho, nada mais importa hoje à noite. Vim para o teu lado, no escuro, ajoelhei-me envergonhado!

Esta é uma fraca reparação; sei que não entenderias estas cousas se eu as dissesse quando estivesse acordado. Mas, filho adorador, amanhã eu serei um verdadeiro papai! Serei um companheiro teu, sofrerei quando sofreres, rirei quando rires. Morderei minha língua quando vierem palavras impacientes. Conservar-me-ei repetindo como se fôsse um ritual: "O meu filhinho nada mais é que uma criança — uma pequena criança!"

Estou receoso de te haver encarado como um homem. Entretanto, quando te vejo agora, filho querido, todo encolhido e despreocupado na tua caminha, vejo que ainda és uma criança. Ontem estavas nos braços da tua mamãe, a cabecinha recostada no seu ombro.

Eu estava exigindo demasiado de ti. Muito. Muito.

(W. Livingston Larned. — Transcrito do livro: "Como fazer Amigo e influenciar Pessoas" — Edição da Companhia Editora Nacional).

QUE FARIAS TU?

O PRISIONEIRO DE RUBENS

Qual é a criança que não gosta de passarinhos? Sei que tôdas haveriam de gostar muito se os lindos bem-te-vis, tico-ticos e andorinhas viessem pousar-lhes nas mãos ou nos ombros, não é verdade? Pois, êsse era o desejo do pequeno Rubens.

Êle ficava longos momentos ouvindo o cantar dos pássaros e vendo-os no seu jardim. "Ah! Se eu pegasse um!" pensava.

— Se você puser sal no rabo de um, conseguirá pegá-lo, disse uma vez a cozinheira.

— Mas como? Na horinha em que estou para pô-lo, êle vôa, queixou-se o pequeno, depois de várias tentativas.

— Vá tentando, não faz mal. Um dia..., e arranjou-lhe uma latinha com sal, para animá-lo.

Rubens saiu encorajado, mas pouco depois deu-se por vencido.

Havia muitos passarinhos por aí, em seu próprio jardim, para serem ouvidos e contemplados apenas. Alguns saltitavam até bem pertinho dêle, mas ao seu menor movimento, voavam.

Estava résolvido a dar o sal à cozinheira, quando ouviu um barulhinho no capim. Ah! Era um — e de jeito. Afinal chegara a vez de expe-

rimentar a receita da cozinheira para pegar pássaros. Mas o menino estava tão excitado que mal pôde tirar um punhadinho de sal. Não ousou dar mais que um passo por vez, temendo vê-lo fazer como os outros.

Era preciso que o sal caísse no lugar certo, isso êle sabia, não teria valor cair na cabeça, nas asas ou nos pés — só no rabo. E assim fez êle. Dir-se-ia que o passarinho viera de propósito, pois deixou-se pegar.

— Peguei um! Peguei um! Vejam! Peguei um passarinho!

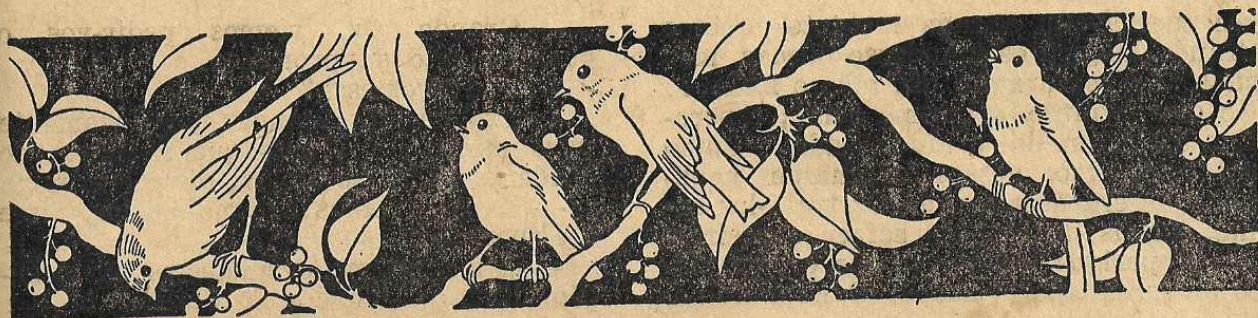
Seu irmão mais velho, Nestor, veio correndo ver. Seria mesmo?

Pegou o coitadinho, examinou-o.

— Ah! Tem uma asa machucada, pobrezinho. Podemos pô-lo naquela gaiola que está jogada no porão e tratar dêle, disse Nestor.

E assim fizeram. Não lhe faltou água nem comida. Puseram-lhe um pouco de óleo no machucado e em pouco tempo, ei-lo restabelecido, alegre e cheio de vida.

E agora, que pensam vocês que o Rubenzinho fez? Foi uma coisa que lhe custou muito esforço e que muita gente grande não tem coragem de fazer, mas êle fez. *Abriu a portinha da gaiola e deixou-o voar.*



O Maravilhoso Mágico de Oz

CAPÍTULO XV

OZ, O TERRÍVEL, DESMASCARA-SE

Os quatro viajantes chegaram à grande porta da Cidade das Esmeraldas e tocaram a campainha. Depois de apertarem o botão repetidas vezes, o mesmo Guarda, que já conheciam, veio abrir-lhes a porta.

— Que é isso? Já voltaram? perguntou êle, admirado.

— Pois não está vendo, retorquiu o Espantalho.

— E'... é... mas pensei que tinham ido visitar a Bruxa do Ocidente!

— E quem lhe disse que não fomos? tornou o Espantalho.

— E ela os deixou voltar para cá? perguntou o Guarda, pasmado.

— Que poderia ela fazer? Derreteu-se! explicou o Espantalho.

— Derreteu-se? Não me diga! Deveras? Que bom! exclamou o Guarda. Mas como foi isso?

— Ora e esta! disse o Leão, Dorita pegou num balde de água, jogou-o sobre ela e pronto! Foi só isso.

— Vejam só! exclamou o homem, fazendo uma respeitosa cortezia à menina.

Depois levou os nossos quatro amigos à sua salinha e, como da primeira vez, pôs um par de óculos em cada um dêles, fechando-os à chave. Em seguida, entraram na cidade e, quando o Guarda das Portas contou aos habitantes que um desses estrangeiros tinha derretido a Bruxa do Ocidente, nossos amigos foram logo rodeados por uma multidão, que os seguiu até ao palácio de Oz.

O Soldado de Barba Verde ainda lá estava de guarda, diante do Palácio, mas desta vez, fê-los entrar sem demora. A linda Moça Verde, toda amável, veio para levar cada um ao mesmo quarto que ocuparam da outra vez, afim de descansarem antes de se apresentarem a Oz.

O Soldado, imediatamente, mandou avisar Oz da chegada de Dorita e seus companheiros, os quais já tinham dado cabo da Bruxa Malvada; mas Oz não lhes deu atenção: ficou caladinho. Os quatro amigos esperavam, a cada instante, que o Grande Mágico os mandasse buscar, mas qual... Esperaram o dia todo e nada... No dia seguinte, a mesma coisa; esperaram mais um dia e ainda nada. Como era natural, os nossos amiguinhos acharam que era desaforo de Oz tratá-los assim, depois de fazê-los sofrer canceiras, correr perigos indescritíveis e com risco de serem escravizados. O Espantalho,

então, pediu à Moça Verde que mandasse falar outra vez com Oz, dizendo que se êle não lhes concedesse imediatamente uma audiência, chamariam os macacos alados e então sim, veriam se êle cumpriria ou não a promessa. O Mágico ficou tão assustado ao receber êsse recado que mandou dizer a Dorita e seus companheiros que fôsem à sala do trono na manhã seguinte, às nove horas e quatro minutos. Êle já se tinha encontrado uma vez com os macacos alados, no País do Ocidente, e não queria mais saber de brincadeira com os tais.

Os quatro passaram a noite em claro, pensando no que iam receber de Oz. Dorita conseguiu dormir alguns minutos. Sonhou que estava em sua casa e que a tia Ema não cabia em si de contente por tornar a vê-la.

Na manhã seguinte, às nove horas em ponto, o Soldado de Barba Verde vem buscá-los e daí a quatro minutos entram todos juntos na sala do trono.

Naturalmente, cada um esperava encontrar o Mágico com a mesma forma sob a qual o conheciam, mas qual não foi o seu pasmo quando olharam por toda a sala e a viram vazia. Ficaram perto da porta e chegaram-se uns aos outros, pois o silêncio a tornava mais terrível ainda.

Daí a pouco ouviram uma voz estranha que parecia vir do alto da grande abóbada:

— Eu sou Oz, o Grande e Terrível. Que querem de mim?

Outra vez olharam para todos os cantos da sala, mas nada, não havia ninguém. Então Dorita perguntou:

— Onde estais, snr. Mágico?

— Estou em toda a parte, tornou a voz, mas sou invisível aos olhos dos homens. Vou sentar-me no trono para que possam falar comigo.

Nisto, a voz parecia vir do trono; então os quatro amigos se alinharam diante dêle e Dorita disse:

— Grande Oz, viemos pedir-vos o cumprimento da promessa.

— Que promessa?

— Prometestes mandar-me novamente para minha casa, logo que a Bruxa do Ocidente estivesse morta, disse a menina

— E prometestes dar-me miolos, disse o Espantalho.

— E a mim me prometestes um coração, disse o Lenhador de Latão.

— E não vos esqueçais da coragem a mim prometida, disse o Leão Covarde.

— Mas a Bruxa do Oeste está mesmo morta? tornou a voz.

— Está sim, não ha dúvida nenhuma. Derreti-a com um balde d'água, explicou Dorita.

— Barbaridade! Tão depressa? exclamou a voz. Pois bem, então voltem amanhã, preciso refletir um pouco sobre isso.

— Que estais dizendo? Pensar ainda? Já tivestes tempo de sobra para tais reflexões, disse o Lenhador de Latão, indignado.

— Isto não tem cavação! Não esperaremos mais nem um dia, gritou o Espantalho.

— Era só o que faltava! Precisaís cumprir vossa promessa já e já, acrescentou Dorita, com veemência.

— Ah! Seu patife! disse o Leão e soltou um rugido, mas um rugido tão pavoroso que Totó deu um pulo e derrubou um para-vento que estava a um canto. Ao cair, o para-vento fez grande barulho e todos olharam para aquela direção. Que susto levaram! Havia atrás do biombo um velhinho, todo calvo, de cara muito enrugada, com olhos arregalados e que parecia estar tão espantado como os nossos amigos. O Lenhador de Latão correu de machado em punho para o homenzinho, exclamando:

— Quem é o senhor?

— Eu sou Oz, o Grande e Terrível, disse o velhote, com voz trêmula. Por piedade, não me mate, farei tudo o que quiserem!

Nossos amigos ficaram boquiabertos.

— Será possível? Pensei que Oz fôsse uma enorme cabeça, disse Dorita.

— E eu, então, pensei que fôsse uma linda mocinha, acrescentou o Espantalho.

— Ora, vejam só e eu que o julgava um animal feroz, disse o Lenhador de Latão.

— Homem e esta! A tal bola de fogo que era então? concluiu o Leão.

— Não fiquem zangados, disse humildemente o homenzinho. Eu quis enganá-los.

— Enganar-nos! exclamou Dorita. Então, o senhor nada tem de mágico?

— Psiu, não fale tão alto! Alguém pode ouvi-la e o que será de mim? Todos pensam que sou um grande mágico.

— E não é?

— Não sou, não. Sou um homem como outro qualquer.

— E mais que isso, disse o Espantalho em tom de censura, o senhor é um grandíssimo velhaco!

— Ah! Mas eu não sossego. Quero um coração, insistiu o Lenhador de Latão.

— E eu não quero saber de

nada, resmungou o Leão. Sem minha coragem, não saio daqui.

— E eu quero os meus miolos, gemeu o Espantalho, enxugando as lágrimas com a manga do casaco.

— Tenham paciência, tudo se arranjará, disse Oz. Vejam em que triste situação estou.

— Alguma outra pessoa sabe que o senhor é velhaco? indagou Dorita.

— Ninguém. Só vocês quatro. Consegui enganar todos durante tanto tempo, que pensava ser impossível alguém descobrir-me. Fui um grande tolo em deixá-los entrar nesta sala do trono. Ai! Que idiota fui! Nem meu subditos me vêem. Pensam que sou mesmo encantado.

— Mas... não compreendo, disse Dorita, intrigada. Então o senhor não é aquela cabeça que ví aqui?

— Ah! Ah! Ah! Aquilo é um lôgro que prego em tôda gente, respondeu Oz. Ah! Ah! Ah! Venham ver como faço.

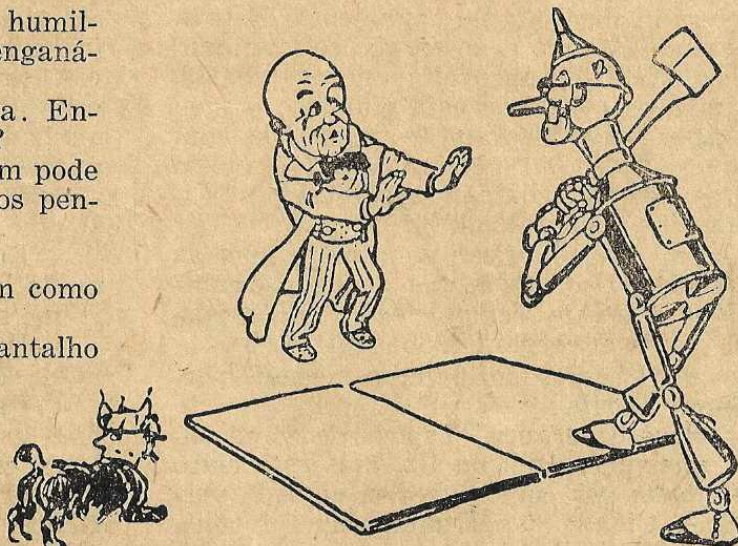
E o velhinho, seguido dos quatro, dirigiu-se a uma saleta que ficava no fundo da sala do trono. A um canto, viram uma cabeça enorme, feita de papelão.

— Pendurei esta cabeça ao tecto por meio de um arame, disse Oz, e eu fiquei atrás do para-vento, puxando um fio que fazia mover os olhos e abrir a bôca.

— Como é que a voz parecia vir da cabeça? indagou a menina.

— Ah! Sou ventríloquo, disse o homenzinho e faço minha voz vir do lugar que quiser. Foi por isso que você pensou vir da cabeça. Aqui estão as outras coisas que usei para enganá-los.

Mostrou ao Espantalho o vestido e a máscara que usára quando apareceu como uma linda moça e o Lenhador viu que o tal bucho não passava de uma porção de peles costuradas umas às outras. A bola de fogo era apenas uma bola cheia de algodão pendurada ao tecto. Bastava des-



pejar um pouco de azeite sôbre ela para arder com calor intenso.

— Sim, senhor, disse o Espantalho, o senhor devia ter vergonha de ser um patife dêsse calibre.

— Aí, aí! Pobre de mim! Tenho mesmo muita vergonha de o ser! respondeu o velhinho... mas que havia eu de fazer? Sentem-se, sentem-se. Vou contar-lhes minha história.

— Nasci na Terra dos Viventes.

— Oh! Eu também! exclamou Dorita.

— Fica muito longe daqui, não é verdade? continuou êle, abanando tristemente a cabeça. Quando ainda era rapaziinho, aprendi a ser ventríloquo e, num instante, fiquei hábil nessa arte. Imito com facilidade qualquer passarinho ou bicho.

Isso dizendo, fez: *miau! miau!* tão bem que Totó levantou as orelhas e pôs-se a farejar em todos os cantos, pensando que havia mesmo algum gato por ali.

— Tempos depois, cansei-me dessa arte e dessa vida e não quis mais saber de ventríloquos. Fui, então, trabalhar com balões.

— Ah! Sei, sei, eu também já ví um homem subir num balão, disse Dorita.

— Pois bem, certa vez em que eu subia num balão, as cordas se enroscaram umas nas outras, de modo que não pude descer. O balão foi subindo, subindo e subiu, além das nuvens e perdi a terra de vista. Nisso uma corrente de ar pegou o balão e o foi arrastando a uma distância enorme. Durante um dia e uma noite inteira viajei pelos ares. Na manhã do segundo dia, ao acordar, ví que o balão estava parado sobre um país lindo e exquisito. Nunca havia eu visto coisa igual. O balão desceu de mansinho e não me machuquei. Encontrei-me no meio dum povo estranho que, vendo-me descer das nuvens, ficou pensando que eu era um poderoso mágico. Ora! Deixei que pensassem. Os coitados ficaram com tanto medo de mim que prometeram obedecer-me cegamente. Estava gostando daquilo e, como não sou nenhum tonto, tratei de aproveitar-me da ocasião. Mandei-os construir esta cidade e o meu palácio, o que fizeram de muito boa vontade. Como a vegetação aqui é muito verde, resolví chamar a capital de "Cidade das Esmeraldas".

Afim de tudo ficar condizente com as esmeraldas, ordenei que todos os habitantes usassem óculos verdes. Eis porque vocês enxergam tudo aqui verde.

— Ah! Então não é verde mesmo? perguntou Dorita.

— Que esperança! Tão verde como outra qualquer, replicou Oz, mas está claro que quem usa óculos verdes, vê tudo verde. A Cidade das Esmeraldas foi construída há muitos anos, pois eu era moci-



nho quando o balão me trouxe para cá e, como estão vendo, estou muito velho. Faz tanto tempo que meu povo usa óculos verdes, que a maioria acredita que a cidade é realmente verde. Não há dúvida de que é uma bela cidade, repleta de joias, de metais preciosos e de tôdas as boas coisas que tornam a vida feliz. Fui bom para o povo e êle me estima, mas desde que êste palácio foi construído, encerrei-me nele e recusei ver quem quer que fôsse. Eu tinha um medo horrível das bruxas, porque não sou encantado e elas... *chi...* fazem coisas que a gente custa a acreditar. Havia duas nesta terra. Uma governava o oriente e a outra o ocidente. Felizmente o norte e o sul eram governados por fadas boas e delas não se tinha o que recear. Como já disse, pelava-me de medo das bruxas do oriente e do ocidente. A minha sorte foi essas danadas pensarem que eu era mais poderoso que elas. Se não fôsse isso, aí de mim! não estaria vivo, não.

Mesmo assim, vivi muitos anos sobresaltado, temendo, que elas me descobrissem. Façam idéia como fiquei contente ao saber que a casa de Dorita tinha caído em cima da Bruxa do Oeste. Quando vocês vieram falar comigo, tratei de prometer tudo que quisessem, com a condição de matarem a outra bruxa, mas agora que conseguiram derretê-la, confesso envergonhado, que não posso cumprir minhas promessas.

— O senhor é um malvado, sabe? disse Dorita.

— Eu, malvado? Não diga isso; sou muito boa pessoa e tenho coração de ouro. O que sou é um péssimo mágico, isso sim.

— Então o senhor não me poderá dar miolos? perguntou o Espantalho.

— Para que você os quer? Todos os dias está aprendendo uma coisa nova. Uma criancinha tem miolos e para que lhe servem? O melhor miolo é a experiência e quanto mais velho mais experiência se adquire.

— Pode ser, disse o Espantalho, mas assim mesmo eu os queria. Sem os possuir, nunca serei feliz.

O falso mágico pôs-se a refletir por alguns instantes.

— Pois bem, disse êle, suspirando, não sou lá um mágico muito bom mas se você vier aqui amanhã cedo, poderei encher sua cabeça de miólos. E' só o que posso fazer. Quanto a aprender a servir-se dêle, isso ficará por sua conta.

— Olé! E' melhor do que nada! exclamou o Espantalho. Não se impressione, verá logo se sei ou não usá-los.

— E minha coragem, no que fica? perguntou o Leão ansiosamente.

— Ora, deixe-me disso! Tenho certeza de que você tem muita coragem, respondeu Oz. O que lhe falta é confiança em si mesmo. Tôda a gente quando vê o perigo tem medo, muito medo. A verdadeira coragem consiste em enfrentar o perigo, embora se esteja com medo e dessa coragem você já deu muitas e muitas provas.

— E', mas não estou contente, respondeu o Leão. Queria tanto que o senhor me desse aquela espécie de coragem que faz esquecer o medo.

— Está bem, então, dar-lhe-ei coragem dessa qualidade, amanhã.

— E o senhor não me vai arranjar um coração? perguntou o Lenhador de Latão.

— Acho que você é um tolo em desejar um coração. Êle só traz infelicidades à maioria das pessoas. Você devia convencer-se de que é muito feliz por não ter coração, disse Oz.

— Isso é questão de gosto, disse o Lenhador de Latão. Se o senhor me der coração, estou pronto a suportar qualquer infelicidade, sem me queixar.

— Bem, disse Oz, amanhã sem falta, dar-lhe-ei um coração. Fiz papel de mágico por tantos anos, que não me custa desempenhá-lo por mais um pouco.

— E agora, disse Dorita, como poderei voltar para minha casa?

— Precisamos pensar nisso, tornou o velhinho, vou pensar bastante estes dois ou três dias. Hei-de achar um meio de fazê-la atravessar o deserto. Enquanto isso, estejam à vontade. Meus criados estarão às suas ordens... Mas, por favor, guardem meu segredo e não contem a ninguém que sou um velhaco e tanto.

Prometeram não repetir nada do que ficaram sabendo e voltaram aos seus quartos, muito alegres. Até Dorita tinha esperanças de que o "grande e terrível velhaco", como o chamava, achasse algum meio de fazê-la voltar para casa. Se Oz conseguisse isso, ela lhe perdoaria todas as velhacadas.

CAPÍTULO XVI

AS ARTES MÁGICAS DO GRANDE VELHACO.

Na manhã seguinte o Espantalho disse aos seus amigos:

— Então vocês não me dão os parabéns? Afinal, chegou o grande dia de receber de Oz os miolos que me prometeu. Urra! Quando voltar da sala do trono, serei como os demais homens.

— Sempre gostei de você assim mesmo, disse Dorita, ingenuamente.

— Isso é bondade sua, tornou êle. Quando eu começar a fazer uso da minha nova inteligência, então sim, é que você vai ficar admirada.

Com isso, despediu-se jovialmente dos companheiros, dirigindo-se à sala do trono. Bateu na porta.

— Entre, falou Oz.

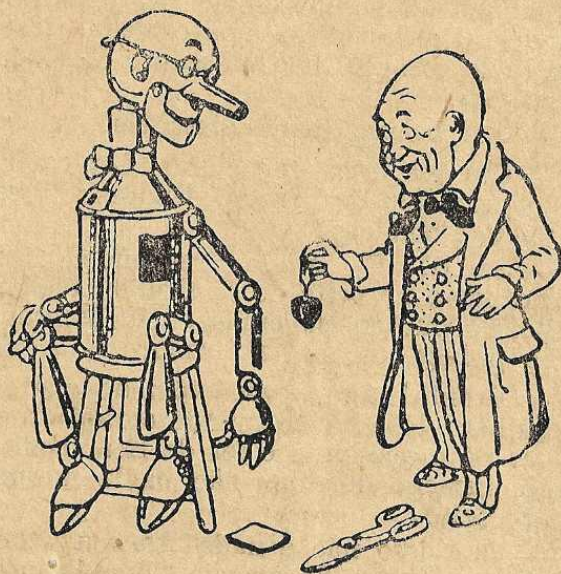
O Espantalho entrou e viu o velhinho sentado diante da janela, absorto em seus pensamentos.

— Vim buscar os meus miolos, disse inquieto.

— Pois não. Faça o favor de sentar-se, respondeu Oz. Não se assuste, vou tirar sua cabeça, porque de outra maneira não poderei colocar os miolos lá dentro.

— À vontade, disse o Espantalho. Querendo, pode tirar, contanto que ponha lá dentro os miolos e depois torne a colocá-la no lugar.

O mágico tirou, então, a cabeça e despejou a palha que havia dentro dela. Em seguida, foi à salinha do fundo e misturou um litro de farelo com uma infinidade de alfinetes e agulhas. Depois de mexer tudo aquilo muito bem, pôs êsse angú na parte superior da cabeça, enchendo o



resto com palha. Depois de pronta a grande operação, o Mágico disse:

— Sim, senhor, daqui por diante será um grande homem, pois enchi sua cabeça de farelório.

O Espantalho estava contente e orgulhoso. Seu mais ardente desejo estava, enfim, satisfeito.

Depois de se desmanchar em agradecimentos a Oz pelo valioso presente, voltou para junto dos seus amigos.

Dorita olhou-o com curiosidade. A parte de cima da cabeça rebentava de tanto miolo.

— Que tal? perguntou ela.

— Ah! Agora, sim, sou um verdadeiro sábio, disse êle com muita sinceridade. Depois de me acostumar bem com êles, ninguém me passará a perna.

— Ué! mas o que são essas pontas de agulhas e alfinetes espetadas para fora de sua cabeça? perguntou o Lenhador de Latão.

— Pois não sabe? explicou o Leão. Quer dizer que êle tem uma inteligência muito aguçada.

— Preciso também ir pedir meu coração, disse o Lenhador de Latão.

Foi, pois, à sala do trono e bateu na porta.

— Entre, disse Oz.

Entrou.

— Vim buscar meu coração, foi logo dizendo.

— Com todo o prazer, respondeu o homenzinho. Vou fazer um buraco no seu peito para poder colocar o coração bem no lugar. Espero que a operação não lhe doa muito.

— Oh! Não sentirei nada, respondeu o Lenhador.

Com uma tesoura Oz cortou um quadrado no lado esquerdo do peito do Lenhador. Da gaveta de uma cômoda, tirou um lindo coração todo de seda e cheio de serragem.

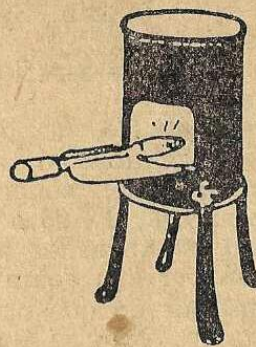
— Que beleza, hein? disse êle.

— Um encanto, tornou o Lenhador, todo derretido de prazer. Diga-me: êsse coração é bondoso?

— Se é? E' ótimo, respondeu Oz, colocando-o no peito do Lenhador; fechou depois o buraco, soldando cuidadosamente o pedaço que havia tirado.

— Pronto! Agora você têm do que se orgulhar. Não há no mundo coração melhor. Só o que sinto é ter de ficar com o peito remendado, mas não havia mesmo outro jeito.

— Ora, isso não é nada! tornou o Lenhador no auge da alegria. Fico-lhe mil



vezes agradecido e nunca me esquecerei de tamanha bondade.

— Não me agradeça; o prazer foi todo meu.

O Lenhador de Latão voltou radiante para junto de seus companheiros, que quasi o mataram com tantos abraços.

Chegou a vez do Leão. Pan, pan, pan! fez êle, batendo na porta.

— Entre, disse Oz.

— Vim buscar minha coragem, disse o Leão ao entrar na sala.

— Já o esperava, disse o velhinho. Espere um pouco.

Isso dizendo, foi a um armário, e tirou duma prateleira muito alta, uma garrafa verde, cujo conteúdo despejou numa travessinha verde, artisticamente lavrada. O Leão, desconfiado, cheirou aquilo e abanou o rabo.

— Vamos, beba, disse o Mágico.

— Mas que é isso?

— Se isso estivesse dentro de você, seria corajoso, respondeu Oz. Você bem sabe que a coragem está sempre dentro da gente, portanto, não se pode ainda chamar a isto de coragem. Se fôsse eu, beberia tudo sem piscar.

Sem hesitar, o Leão sorveu tudo de um só trago.

— Brrrr... estou valente como um capoeira treinado, respondeu o Leão.

Satisfeito da vida, foi reunir-se aos amigos para contar-lhes a sua grande felicidade.

Ficando sozinho, Oz riu-se a bom rir da boa fé e engenuidade do Espantalho, do Lenhador de Latão e do Leão.

— Se sou velhaco, a culpa não é minha, pois êsses trouxas me obrigam a fazer verdadeiros absurdos.

Ah! ah! Livrar-me dêsses três foi canja, mas Dorita é que não vai na onda. Não sei como hei-de satisfazê-la.

(Continua).

RONALDO PROCURA A CHAVE



— “Não gosto mesmo da escola, tenho horror aos livros”, dizia Ronaldo enquanto, sentado à beira da cama, desamarrava os sapatos.

E ao jogar com força um pé de sapato ao canto, disse: “Não posso com os professores” e ao jogar o outro pé, ainda reforçou: “Não gosto e não gosto, já disse.”

— Os livros e os professores são seus amigos e ajudadores, replicou-lhe a mãe, pondo-o na cama. E’ pena você ainda não saber disso, embora já esteja no segundo ano. Se você soubesse que dentro dos livros há fadas e duendes, pássaros, coelhinhos, marinheiros, anões e gigantes e toda a sorte de gente interessante e engraçada, esperando apenas poder sair e brincar com você se você quisesse...

— E’ muito difícil, resmungou Ronaldo. Não sou capaz de aprender a ler.

— Sua professora quer ajudá-lo, respondeu-lhe a mãe.

— Elas não ajudam. Só dão tarefa para fazer, disse Ronaldo, virando-se para dormir. Não gosto delas nem um pouco.

A mãe sorriu e saiu do quarto na ponta dos pés. “Ele há-de aprender”, monologou ela, apagando a luz.

Ronaldo dormiu e sonhou. Estava numa floresta. Por entre as árvores havia muitas e muitas gaiolas com toda a sorte de gente e animais esquisitos e interessantes.

— Ronaldo, chamou um pretinho de guarda-chuva verde e sapato amarelo e roupa vermelha. Por favor,

deixe-me sair. Quero brincar com você.

— Você é o sací? perguntou Ronaldo, aproximando-se. Mamãe já leu diversas histórias a seu respeito para eu ouvir. Com muito prazer vou livrá-lo dessa prisão.

E Ronaldo lidou, lidou mas não conseguiu abrir a porta. Sací ficou muito triste e desapontado. Depois disse-lhe:

— E’ preciso a Fada ajudar você; sozinho não será capaz de abrir.

Ronaldo foi adiante e não demorou a encontrar outra gaiola. Havia nela uma linda lebrinha que lhe falou:

— Ronaldo, não se lembra de mim?

— Como não! Quantas e quantas vezes mamãe me contou histórias de você? Venha brincar comigo, não quer?

— Não posso, estou trancada.

— Posso soltá-la, respondeu êle.

Mas não pôde.

— Está trancada, continuou o menino. Onde está a chave?

— Ora, com você.

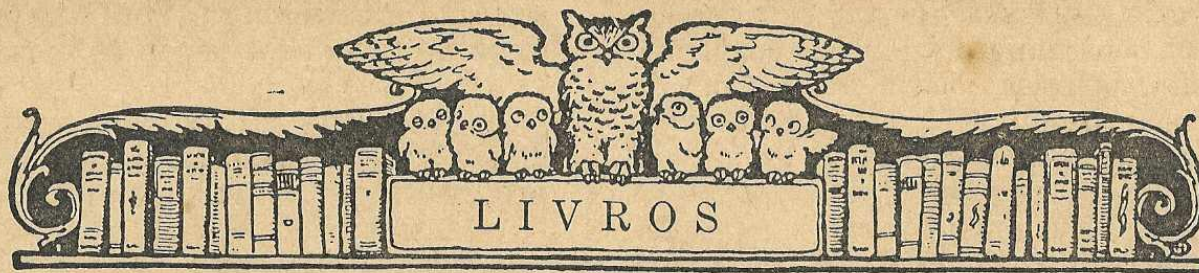
— Comigo! exclamou o menino estupefato. Não tenho chave nenhuma.

— Como não? respondeu a lebrinha. E’ uma chave invisível. Somente a Fada e seus duendes poderão mostrar-lhe como usá-la.

— Então preciso encontrá-los, disse Ronaldo, e quanto antes. Depois virei ajudar você.

— Então vá; seja feliz. Tomara que volte logo.

Ronaldo correu pela floresta a dentro, olhando aqui e ali, mas nada de achar a Fada. Porém, não desani-



QUEM É QUE SABE?

- 1) Completar : *Esse Jesus, que dentre vós foi recebido em cima no céu, há-de vir...*
- 2) Onde e por quem foram construídos os jardins suspensos ?
- 3) Como se chama a medida que vale 1dm³ ?
- 4) Qual é o lago mais salgado do mundo ?
- 5) Citar as três maiores quedas d'água do Brasil.
- 6) Qual tribo era menos bárbara, os tupís ou os tapuias ? Onde habitavam ?
- 7) Corrigir : Vou na cidade fazer compra mas as tres horas estarei em casa.
- 8) Em que parte do corpo encontramos os ossos rádio e cúbito ?
- 9) Qual é o macaco que não gosta de banana ?
- 10) Que quer dizer onipotente ? E oniciente ? E onipresente ?
- 11) Qual é o legume que é dansa ?
- 12) Qual é o instrumento musical que sem a primeira letra mora no céu ?
- 13) Diminuir o cinco, acrescentando-lhe um.
- 14) Qual é, mais ou menos, a porcentagem de analfabetos no Brasil ?
- 15) Qual é o livro da Bíblia que fala sobre a criação do mundo ?

Respostas às perguntas de outubro.

- 1) ...o teme e obra o que é justo.
- 2) Se você fizer tudo certo, dou-lhe um doce.
- 3) Com apenas seis anos, em consequência de um ataque de sarampo recolhido.
- 4) Em quatro partes : duas aurículas e dois ventrículos.
- 5) Daltonismo é o defeito que consiste em ser cego para certas côres. Geralmente o daltônico confunde o verde com o vermelho.
- 6) José Maria da Silva Paranhos Filho.
- 7) Venceslau Braz.
- 8) Integérrimo.
- 9) Na Itália, o rio Pó.
- 10) A mão de tinta.
- 11) Cigarro ; cigarra.
- 12) Caím (Matou Abel quando só havia 4 pessoas no mundo).
- 13) Porque êle só tem uma perna.
- 14) Por haver decifrado os hieroglifos da famosa pedra de Roseta.
- 15) Na ilha de Patmos.

U M A B O M B A !

* * *

Dão-me licença? Eu vou contar a história
De uma paixão voraz
De estrondosa memória,
Que inda hoje o pranto aos meus olhos traz;
Era no mês de maio;
Eu, por aqui mesmo na vizinhança
Tinha arranjado uma pequena! Um raio
Era a tal criança!
Nove anos mais ou menos...



Gorduchita, galante, atarracada;
Possuía uns olhos lânguidos, serenos,
E uma rósea boquinha,
Assim — pequeninha
Que... não lhes conto nada!
Era — *América!* a minha namorada...
Mal a manhã rompia e os gaturamos
Despertavam cantando, — eis que à janela
Que dá para o jardim, por entre os ramos,
Logo eu bispava a imagenzinha dela...
Suspirava e batia um cumprimento,
Que, suspirando, ela correspondia;
E o meu suspiro lhe levava o vento,
E o vento o seu suspiro me trazia.

Assim com tal vadiagem
Nunca nas aulas a lição sabia;
Pois eu por ela abandonava tudo,
E, cheio só da sua linda imagem,
Não cuidava do estudo
Mas, sim, das cartas que me dirigia,
Achando um sacrilégio
Abrir ao mesmo tempo
Cartas de amor e livros de colégio.
Caro, porém, custou-me o passa-tempo.
Vieram logo os exames,
E eu, crú de tudo, não sabia nada,
Senão da namorada...
E aguardava-me o pior dentre os vexames;
Chegou enfim da grande prova o dia.
O professor com voz possante e homérica
Pôs-se-me a examinar em geografia.
“Menino, dize-me, onde fica a América?”
“A América...”

Fica... (Arde-me a fronte em brasa...
A êsse nome, todo eu me desconjuncto,
E respondo, pensando noutro assunto)
Fica... Fica de frente lá de casa!”
Ah! Para que disse aquilo?!

Todo o pessoal desmanchou-se em riso,
Numa vaia de arromba!
Pensaram todos que eu perdera o juízo...
E o resultado, já se sabe — *bomba!*
Desde então não me sai cá da cachola
Êste velho conselho salutar:
— Todo o menino que frequenta a escola,
Não deve namorar.

